Dr. James S. Spiegel, Ética Cristã, Sessão 18, Direitos dos Animais

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre Ética Cristã. Esta é a sessão 18, Direitos dos Animais.

Certo, nossa questão final aqui são os direitos dos animais.

E abordaremos a questão, quais direitos, se houver, os animais têm? E correlativamente, que tipos de deveres ou obrigações temos em relação aos animais? Agora, as práticas mais controversas relacionadas a questões de direitos animais são aquelas relacionadas a fazendas industriais e pesquisa biomédica. Aqui estão algumas estatísticas de fazendas industriais. Globalmente, cerca de 70 bilhões de animais de fazenda são criados para consumo.

Nos EUA, 99% dos animais de fazenda são criados em fazendas industriais. A maioria dos antibióticos no mundo todo é fornecida aos animais de fazenda. Fatos sobre crueldade em fazendas industriais revelam que 94% dos americanos dizem acreditar que os animais criados para consumo não devem sofrer.

O que pode ser um número surpreendentemente alto, dada a extensão em que os americanos consomem carne. A pecuária industrial é a principal causa de desperdício de água nos EUA. Cerca de 260 milhões de acres de floresta nos EUA foram cortados para produzir alimentos para animais de fazenda.

Nos EUA, estima-se que 40% das emissões agrícolas vêm de fazendas industriais. Globalmente, vacas leiteiras produzem 3,7 bilhões de galões de excrementos diariamente, o que foi notado como um impacto significativo no meio ambiente. Várias dessas questões são ambientalmente salientes.

O pai do movimento contemporâneo pelos direitos dos animais é Peter Singer. Em seu livro de 1975 chamado *Animal Liberation*, ele defende os direitos dos animais. Ele passa muito tempo informando os leitores sobre os fatos relacionados à criação industrial.

Então, sua tese é que todos os animais merecem igual consideração. Todos os animais merecem igual consideração. Ele observa que igualdade é uma ideia moral.

Não é uma afirmação de fato, o que parece claramente óbvio. Não há duas pessoas, de fato, que sejam exatamente iguais de um ponto de vista físico ou intelectual. Mas igualdade é algo que todos nós afirmamos como um valor e ideal significativo e importante em nossa sociedade.

Ele observa que é uma ideia moral, não uma afirmação de fato. A preocupação com os outros não deve depender das habilidades que eles possuem. Isso vale para os animais também.

Por isso, devemos condenar o especismo. Ele cunhou o termo especismo, que é como sexismo ou racismo em certo aspecto. É uma maneira de rotular aqueles que são culpados de um certo tipo de preconceito ou intolerância.

Ele define especismo como um preconceito ou atitude de parcialidade em relação aos interesses dos membros da própria espécie e contra os interesses dos membros de outras espécies. Então, não deveríamos manter esse preconceito. É natural. Só porque somos, ele argumentaria, essa é uma razão primária para a prevalência do especismo.

Nós somos os que estão no controle como seres humanos. Nós controlamos as vacas, os porcos, as galinhas e outros animais. Então, é fácil favorecer a nós mesmos e nossos próprios interesses às custas desses animais só porque somos os que têm funções cognitivas mais elevadas e estamos no controle.

Mas isso não é algo que justifique qualquer tipo de privilégio moral da nossa parte. Ele diz, citando-o, que a capacidade de sofrimento e gozo é um pré-requisito para ter interesses. E qualquer ser que possa sofrer, só pelo fato de sofrer, isso é razão suficiente para reconhecer que tem direitos.

Se um animal pode sofrer, então ele tem interesses. E se ele tem interesses, então ele tem direitos. Ele diz que marcar o limite da preocupação com os outros por alguma outra característica, como inteligência ou racionalidade, seria marcá-lo arbitrariamente, então qual critério deveríamos escolher como forma de demarcar onde a preocupação é apropriada para outro ser? Ele diz que qualquer critério que escolhermos destacar, aqueles que têm direito à vida não incluirão todos e somente os membros de nossa própria espécie.

Se descartamos mamíferos superiores porque eles não têm um certo nível de inteligência, então, ao fazer isso, vamos descartar certos humanos porque há certos mamíferos superiores, primatas superiores, que são mais inteligentes do que alguns humanos por causa de sua idade ou por problemas de desenvolvimento quando há uma deficiência cognitiva de desenvolvimento. Então, o melhor critério que temos, argumenta Singer, é a capacidade de sofrer. Mas, ele lida com essa objeção: e se os animais forem incapazes de sofrer? E se Descartes estiver certo, e os animais forem basicamente máquinas; não há consciência ali, e não há capacidade de sofrer? A resposta de Singer a isso é dupla.

Temos boas razões para acreditar que os animais podem sofrer, apenas como uma questão de analogia. Quando olhamos para como eles respondem, se você pisar no rabo de um cachorro ou gato, ele vai latir ou gritar. Esse é o tipo de comportamento que é consistente com sentir dor e ter um estado mental negativo.

Então, tem isso. E então, também sabemos, apenas por similaridades fisiológicas, que os animais sentem dor. Seus sistemas nervosos centrais são muito parecidos com os nossos, particularmente entre os mamíferos, que eles devem sentir dor e prazer muito como nós.

Então, os animais são capazes de sofrer, e eles são capazes de experimentar prazer também. Ele observa que enquanto a capacidade de sofrer implica que os animais merecem consideração moral, isso não implica que eles merecem a mesma consideração moral que é devida aos humanos. Então, ele matiza um pouco sua posição aqui.

Outro defensor dos direitos dos animais é Tom Regan, que faz um tipo diferente de argumento. Não é baseado em raciocínio utilitário como o de Singer. Regan argumenta que todos os animais têm igual valor inerente apenas porque eles têm um tipo de percepção básica e estado de consciência.

Então, eles devem ser tratados com respeito. Eles são sujeitos experientes da vida, e isso é suficiente para garantir que eles tenham certos direitos. Ele diz que o valor inerente não pode ser limitado aos seres humanos porque somos muito semelhantes em muitos aspectos a outros animais.

Temos a tendência de considerar os outros seres humanos como valiosos porque cada um de nós é um sujeito experientador da vida. Mas então, por que não estender isso a outros animais que também são sujeitos experientadores da vida? Ele diz que todos têm o mesmo direito de serem tratados com respeito e não de serem reduzidos ao status de uma coisa. Agora, uma objeção que pode ser feita aqui é que, não, apenas os humanos têm valor inerente porque apenas nós temos a inteligência, autonomia e razão necessárias.

Claro, meu cachorro, Austin, tem experiências genuínas e sente dor e prazer, e assim por diante, mas ela não é verdadeiramente inteligente, certamente não é autônoma. Ela não age por fins ou objetivos e visões pré-estabelecidos. Ela não consegue raciocinar.

A resposta de Regan a esse tipo de argumento é, novamente, como Singer observa, muitos seres humanos não têm essas habilidades, bebês e adultos com deficiência mental, por exemplo. No entanto, reconhecemos que eles têm valor inerente. Então, se vamos estender o reconhecimento do valor inerente a bebês com deficiência

mental grave ou seres humanos adultos, bem como bebês, então devemos estendê-lo aos animais também.

Então, Regan argumenta que todos que têm valor inerente o têm igualmente, sejam eles animais humanos ou não. Outra objeção é esta. Por que deveríamos aceitar a alegação de que todos que têm valor inerente o têm igualmente? Isso é algo que Regan nunca demonstra, e é uma área onde ele deveria, eu diria, ser mais como Peter Singer ao reconhecer que nem todos os direitos, ou neste caso, valor inerente, são iguais.

Claro, eu posso reconhecer que um cão, um gato ou um chimpanzé tem valor inerente, mas não se segue que esses animais tenham o mesmo valor inerente que os seres humanos. Agora, sob a questão da pesquisa biomédica, podemos perguntar, e quanto à ética da pesquisa biomédica em animais? Isso é moralmente permissível? Há vários fortes defensores dos direitos dos animais que se oporiam a isso. Eu presumo que Regan e Singer se oporiam a isso, por razões que são evidentes na lógica de seus argumentos pelos direitos dos animais.

RG Fry apoia o uso de animais em pesquisa médica, e ele defende sua posição, curiosamente, sem apelar para o conceito de direitos, que ele acredita ser repleto de problemas. Seu argumento é baseado na noção de qualidade de vida, que apela para "Sinto muito", que pessoas de qualquer convicção moral podem afirmar. Ele observa que é a qualidade de vida de uma criatura que determina se ela merece consideração moral.

Posição moral, ele diz, depende de uma criatura ser um sujeito experiencial com uma série de experiências em desenvolvimento que, dependendo de sua qualidade, podem fazer a vida da criatura ir bem ou mal. Ele diz que o valor de uma vida é uma função de sua qualidade, sua qualidade de sua riqueza e a riqueza de suas capacidades ou escopo para enriquecimento. E porque as vidas dos animais têm uma certa qualidade, suas vidas têm valor, mas não o mesmo valor que uma vida humana adulta normal.

Acho que esse é um tipo de qualificação a que alguém como Regan deveria estar aberto. Fry desafia a noção sugerida por Singer de que isso é especista porque não é com base em nossa pertença à espécie humana que nossas vidas tendem a ter mais valor do que a dos animais. É apenas com base no fato de que temos uma certa qualidade de vida.

Agora, isso levanta algumas questões interessantes com relação à visão de Fry porque poderíamos perguntar, bem, e aqueles seres humanos que não têm a mesma qualidade de vida? Essas pessoas que são deficientes no desenvolvimento não têm o mesmo nível de qualidade de vida que o resto de nós que tem uma certa função cognitiva superior. E é por essa razão que Fry realmente concede que a

experimentação em certos sujeitos humanos, assim como experimentamos em animais, seria apropriada, o que é, eu acho, uma espécie de redução de sua visão ao absurdo, pelo menos de um ponto de vista judaico-cristão, que ele teria essa visão. Mas ele morde a bala.

Tenho que dar crédito a ele por isso. Mas essa é a abordagem que ele adota para toda a questão da pesquisa biomédica e experimentação animal. Então, Andrew Tardif, vamos agora nos voltar para seu caso a favor do vegetarianismo.

Ele argumenta por uma obrigação ao vegetarianismo. Ele o faz usando um argumento teológico. Ele diz que a obrigação é evitar matar animais deliberadamente para alimentação ou evitar comprá-los, mesmo que a pessoa não os mate.

Então, seu caso não é contra comer carne, por si só. Ele faz esse argumento com base em algo que já falamos no contexto da eutanásia e do suicídio assistido por médico: o princípio do duplo efeito. E ele extrai um pouco de um acadêmico chamado Thomas Higgins nesse contexto.

Então, ele aponta que, de acordo com o princípio do duplo efeito, não seria razoável permitir um mal grave para um bem relativamente insignificante. Como Tardif coloca, mesmo que um bem supere o mal em questão, a ação é ilegal se, entre aspas, o efeito bom poderia ter sido garantido sem o efeito mau. Isso tem a ver com uma estipulação dentro do princípio do duplo efeito, que é que os meios para atingir o bem não devem ser maus.

Você não deve usar o mal como um meio de alcançar um efeito bom. Então, ele aponta em seu argumento, apelando para toda a ideia da hierarquia do ser, que na ordem criada, há um tipo de hierarquia de seres de valor e mérito cada vez maiores, da natureza inanimada a, digamos, organismos microscópicos, passando por vermes e insetos, peixes, anfíbios, répteis, mamíferos, humanos e então subindo pela ordem angélica até Deus. Então, há um tipo de hierarquia do ser.

Essa ideia é muito mais comumente defendida no período medieval, mas que ele manteria aqueles que saem da tradição judaico-cristã hoje deve ser afirmado. Então, os seres humanos estão mais altos nessa hierarquia do que os animais, que estão mais altos do que as plantas, que estão mais altos do que as coisas não vivas. Devemos respeitar essa hierarquia de valores quando for possível.

Ele deveria considerar cada tipo de organismo apropriadamente de acordo com seu lugar na hierarquia. É por isso que a maioria de nós não pensa duas vezes antes de matar uma mosca ou um mosquito. Mas ficaríamos horrorizados se alguém matasse casualmente um cachorro, um gato ou até mesmo um pássaro, porque intuitivamente reconhecemos que há uma hierarquia ali.

Se você vai matar um animal, então, você sabe, droga, é melhor ter um bom motivo para fazer isso. Mas nunca exigimos bons motivos das pessoas quando pisam em uma formiga ou matam uma mosca. Então, quando combinamos essa noção da hierarquia do ser com o princípio do duplo efeito, parece que, de acordo com Tardif, sempre que uma pessoa pode servir aos seus fins matando plantas em vez de animais, então ela não pode matar animais, já que, como onticamente superiores às plantas, fazê-lo nessas circunstâncias constituiria mais do que violência necessária.

Em outras palavras, ele diz que matar animais para manter a vida e a saúde violaria a condição do bem proporcional, pois seria destruir animais para atingir fins que podem ser alcançados às custas de bens e plantas menores. Então, citando-o um pouco mais, Tardif diz que qualquer um que pudesse viver bem com uma dieta vegetariana seria, em igualdade de condições, obrigado a adotá-la porque essa opção garantiria os maiores bens de sua vida e saúde, ao mesmo tempo em que faria o mínimo de mal. Então, basicamente, a ideia é que você pode atingir tanta saúde e bem-estar em sua vida comendo produtos vegetais quanto pode comendo produtos animais.

Se você vive uma dieta completamente vegetariana e evita comer carnes, então você está fazendo muito bem ao evitar a participação em crueldade com animais ou aumentar o sofrimento deles. Fisicamente, você está indo tão bem quanto se estivesse de outra forma. Isso meio que ignora um argumento adicional de que uma dieta vegetariana é realmente mais saudável.

Alguns argumentam sobre esses fundamentos, e ele menciona isso aqui quando fala sobre a dimensão nutricional disso. Você não precisa fazer um argumento para nutrição para avançar esse argumento. Ele observa que uma dieta vegetariana, pelo menos, é tão nutritiva quanto a do onívoro, o comedor de carne.

E ele observa que, no mínimo, é uma dieta mais saudável. Tanto que geralmente se presume que quando uma pessoa se torna vegetariana, é por motivos de saúde. Eu sei que pratico uma dieta livre de crueldade.

Eu geralmente evito carnes de criação industrial. E quando eu digo às pessoas que eu geralmente evito comer carne, elas dizem, você faz isso por razões de saúde ou não? Porque elas reconhecem que muitas vezes há enormes benefícios para a saúde em evitar ou minimizar a carne na dieta. Ok, você poderia fazer esse tipo de argumento, mas para o bem do argumento dele, você não precisa disso.

Há o argumento moral de que é suficiente. Uma segunda consideração é a disponibilidade. Em nossa cultura, como na maioria dos países desenvolvidos, temos acesso conveniente a muitos produtos alimentícios não animais.

E podemos ter uma dieta vegetariana muito robusta o ano todo. Então isso não é uma preocupação para nós no Ocidente. Não sei se seria uma preocupação tão grande na vasta maioria dos outros países também.

Certamente, mais eficiente, me disseram. É muito mais eficiente comer grãos, vegetais e frutas do que comer carne de animais que se alimentaram de todos esses grãos. E muitos desses grãos realmente fornecem proteína.

Em particular, nozes e outros produtos não animais podem fornecer muita proteína. Aqui estão algumas objeções que às vezes são feitas. Uma é a objeção do prazer.

Carne tem um gosto bom. É bom mastigar carne. E o sabor que você tira de um bife ou carne de porco, costeleta de porco ou costelinha de porco, é bom.

Muitos realmente enfatizarão o prazer que podemos obter ao comer carne. Isso não fornece uma razão proporcional para matar animais para obtê-la? Tardif rebate observando que há muitos alimentos deliciosos sem carne e o prazer de comer carne não é tão grande, de modo que tratar um animal cruelmente justificaria isso. Com o advento de alguns desses substitutos de hambúrguer à base de plantas, acho que esse argumento é especialmente forte da parte dele.

Sou um grande fã do Whopper impossível, e não fui pago pelo Burger King ou qualquer outra pessoa para dizer isso, mas é espantoso para mim o quanto essa coisa tem gosto de um Whopper de verdade. Não consigo notar a diferença. Então, provavelmente como pelo menos uma vez a cada duas semanas, e vou comer um hambúrguer Whopper impossível.

Acho que posso conseguir um esta tarde. Na verdade, fiquei com fome dele. Mas é incrível que agora, com a tecnologia que temos, podemos criar substitutos de carne.

O gosto, na minha opinião, é tão bom quanto o da coisa real, e isso é mais saudável porque você não tem todos os nitritos e nitratos que estão na carne vermelha real. De qualquer forma, mesmo que houvesse um prazer significativamente maior em comer carne, Tardif argumenta que não é o suficiente para justificar matar um animal por isso. Outra objeção é a objeção econômica.

Se todos se tornassem vegetarianos, isso causaria uma convulsão econômica. É uma preocupação que alguns expressam. Não sei o quão seriamente eles levam esse argumento, mas às vezes você ouve isso.

Em resposta, Tardif diz que mesmo que todos se tornassem vegetarianos, isso só causaria problemas econômicos se acontecesse abruptamente. Não vai acontecer que amanhã, todos de repente se tornem vegetarianos, ou mesmo uma grande parte

da população se torne vegetariana. Isso aconteceria muito gradualmente, e os mercados se ajustariam.

Veja o quanto isso já aconteceu em termos de restaurantes e supermercados. Eles fizeram mudanças em termos de oferecer opções vegetarianas porque há uma demanda maior por isso. O mercado vai se ajustar, e isso vai acontecer gradualmente, então não há necessidade de se preocupar com desastre econômico como resultado disso.

Se as pessoas se tornarem, bem, como as pessoas estão se tornando cada vez mais sensíveis a essa questão e mudando seus hábitos alimentares de acordo. Bem, vamos olhar a seguir para os argumentos bíblicos para o cuidado animal. Que tipos de considerações devem figurar em nosso pensamento sobre essa questão de um ponto de vista bíblico? Um ponto com o qual podemos começar tem a ver com a propriedade divina, que é que Deus possui tudo neste mundo.

Ele é o dono de todo o universo, e isso inclui o planeta Terra e tudo o que há nele, incluindo os seres humanos e todos os animais em todas as colinas e todos os pássaros e todas as árvores, como diz o salmista no Salmo 50. A terra é do Senhor e tudo o que nela há, diz outro salmo. Então, Deus é dono de tudo, e o desrespeito a qualquer aspecto da natureza é um desrespeito indireto a Deus.

O tratamento cruel de animais é desrespeitoso, não apenas para eles, mas desrespeitoso para com Deus. Então, temos o dever de tratá-los humanamente. Em segundo lugar, há comandos divinos que dizem respeito ao tratamento de animais que são fáceis de ignorar.

Tradicionalmente, eles não foram realmente destacados, mas estão lá nas escrituras. A Bíblia nos dá diretrizes específicas sobre o cuidado com os animais. Uma delas aparece em Êxodo 23, onde Deus ordena aos israelitas que estendam o descanso do sábado aos animais.

Bois, bois e jumentos também devem descansar. Deuteronômio 25:4 diz para não amordaçar o boi enquanto ele está pisando o grão. E Provérbios 12:10 diz que os justos cuidam das necessidades de seus animais.

É algo que uma pessoa justa faz, e eles cuidam de seus animais. Eu penso sobre esse versículo literalmente todas as manhãs quando vou para o nosso quintal no galinheiro que abriga nossas quatro galinhas. E eu dou a elas o ração de galinha e as deixo sair da parte interna do galinheiro.

Estou tentando ser um homem justo nesse aspecto também, cuidando dos cuidados desses animais muito pouco inteligentes. Galinhas são animais muito estúpidos, pequenas bestas peculiares. Mas tenho o dever, mesmo que sejam muito pouco

inteligentes, de cuidar delas e suprir suas necessidades como faço com meu gato e meu cachorro.

E isso é apenas parte do cumprimento de um mandato bíblico, o mandato cultural de cuidar da criação. Mas é interessante conhecer esses comandos específicos nas escrituras sobre o cuidado com os animais. Então, já falamos sobre a hierarquia de ideias, que são seres que diferem em termos de suas várias perfeições.

A propriedade do nosso tratamento de qualquer ser pode ser avaliada de acordo com seu lugar na hierarquia, como falamos com o argumento de Tardif. Então, qual é o resultado aqui? O argumento pode ser feito de que temos um dever moral duplo para com os animais.

Mesmo que não queiramos ir tão longe a ponto de dizer que os animais têm direitos, o que não é algo que eu declararia sobre os animais, isso parece um termo muito forte. A maioria dos teólogos do bem-estar animal, como o falecido grande Stephen Webb, que é meu amigo, escreveu muito sobre esse tópico.

Andrew Lindsay e outros tendem a evitar direitos de linguagem. Eles gostam de falar mais sobre bem-estar animal, cuidados com animais e compaixão. Acho que esse é o caminho certo a seguir.

Temos um dever duplo para com os animais. Um, cuidar deles de uma forma que seja respeitosa a Deus. Eles são os bichinhos de estimação de Deus.

E se você vai caçar, então há uma maneira certa de fazer isso em termos de minimizar a dor e o sofrimento ali. Há maneiras irresponsáveis de fazer isso. E se você vai comer carne que foi adquirida de outra forma, então evite apoiar um sistema que causa tanto sofrimento.

Há maneiras de apoiar produtos e processamento de origem animal que não sejam inerentemente cruéis. Free-range significa carne de porco, frango e carne bovina criados ao ar livre. Isso é algo que poderíamos apoiar.

Ou simplesmente se abster de comer carne completamente. Então, a segunda parte disso seria tratar os animais de uma forma que seja apropriada à sua natureza como seres conscientes com necessidades e capacidade de sofrer. Se mantivermos essas coisas em mente, isso implicará talvez alguns ajustes no comportamento de compra e alimentação.

Mas essa seria minha recomendação. É um tipo de consideração séria sobre bem-estar animal. Também nos levará a reconsiderar nosso apoio, seja direta ou indiretamente, às fazendas industriais.

Só porque em fazendas industriais, um grande número de animais é processado, e isso frequentemente ou tipicamente envolve uma certa quantidade de crueldade. Circos. Frequentemente, os animais nesses contextos são treinados de maneiras torturantes.

Algo que foi feito por muitos anos em circos, pelo menos em certos contextos, meio que tipifica isso. Onde, digamos, um burro ou um cavalo sairia de um trampolim alto, cairia na água, e faria isso sem muita força. Talvez sendo um pouco instigado.

Mas pense no que seria necessário para treinar um animal a fazer isso voluntariamente. E o que seria usado seriam bastões elétricos. É só pular naquela piscina de água, por mais assustador que seja para o animal.

É melhor do que ser eletrocutado. Mas mesmo hoje, em circos em vários lugares, animais que são treinados para fazer todo tipo de coisas que são antinaturais, muito antinaturais, mesmo que divertidas aos olhos, são muito antinaturais. E em muitos casos, é por causa do tratamento severo e dos maus-tratos que permitiu que os treinadores os fizessem fazer essas acrobacias.

Captura. Armadilhas que são usadas para capturar animais por suas peles, em particular, são frequentemente muito cruéis. E mesmo que existam leis que fornecem diretrizes sobre como as armadilhas devem ser feitas e com que frequência elas devem ser verificadas, elas tendem a não ser muito bem aplicadas.

Então, em muitos casos, os animais são deixados para sofrer por horas e horas ou dias a fio, presos de maneiras cruéis. E então, finalmente, em termos de pesquisa animal, muitos animais são torturados em prol de pesquisas questionáveis. Uma coisa é usar animais para pesquisar lesões cerebrais e cânceres ou treinar pessoas em termos de técnicas cirúrgicas.

Isso é uma coisa. Mas fazer pesquisas dolorosas, até mesmo excruciantemente dolorosas, em animais para testar cosméticos, como é tipicamente feito com coelhos, onde algum cosmético é colocado em seus olhos, e os coelhos são contidos onde não podem escapar dele. Eles estão reagindo violentamente a isso, mas não há nada que possam fazer para aliviar a dor em seus olhos quando esses cosméticos estão sendo testados.

Quero dizer, são cosméticos. Isso não é essencial para o florescimento humano. Então, vale a pena pesquisar que tipos de produtos dependem ou não desses tipos de coisas.

E muitos produtos são rotulados para indicar que não são de criação industrial ou são criados soltos. Você obtém ovos de galinha caipira e carne de galinha caipira, e é isso que compramos, em oposição aos ovos de criação industrial. E nós obtemos

ovos de nossas galinhas em nosso quintal, que são visivelmente melhores em sabor do que os ovos que você compra na loja.

Então, se você está preocupado com sabor, gosto e dimensão estética, há outra marca em favor de produtos de animais criados sem crueldade ou humanamente. Aqui estão alguns recursos online que você pode conferir. Um deles é a Christian Vegetarian Association.

Há também o Jesus People for Animals. E então há a organização Every Living Thing, que é tremenda. E há uma declaração que foi redigida há alguns anos, há cinco anos ou mais, que eu assinei, e muitas outras pessoas assinaram.

É a coisa mais equilibrada, bíblica e razoável que já vi como um tipo de declaração sistemática sobre bem-estar animal e a ética do tratamento animal de uma perspectiva bíblica cristã. É uma coisa boa. Então, isso conclui nossa discussão sobre esse assunto.

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre Ética Cristã. Esta é a sessão 18, Direitos dos Animais.